



A ASSIMILAÇÃO DOS DESCENDENTES JAPONESES NO BRASIL: Compreender a história para apreender o processo

Trabalho apresentado como requisito da disciplina
SAP-5830-Teorias e Concepções da Modernidade
ministrada pela Prof^a. Assoc. Cibele Saliba Rizek

Aluna: Elza Luli Miyasaka

Orientadora: Profa. Dra. Anja Pratschke

São Carlos

2008

ÍNDICE

Resumo	i
Introdução	01
1. Formação da Identidade Cultural Japonesa	02
2. Aspectos Históricos e Culturais:	03
2.1 O Xogunato	03
2.2 Volta do Domínio dos Imperadores	06
2.3 Período das Guerras	08
3 Referências Culturais e Filosóficas no Japão	10
3.1 No caminho da Modernidade	10
4 A questão da Imigração na Cultura Japonesa	15
4.1 Imigração Japonesa no Brasil	17
5. Considerações Finais	20
6. Bibliografia	23

RESUMO

Este trabalho é uma breve reflexão a respeito da assimilação do descendente japonês no Brasil, tendo como foco a aproximação do pensamento japonês nos nikkeis* que vivem no Brasil.

Na construção do conteúdo, considerou-se necessário a compreensão histórica e do pensamento japonês desde a unificação do país, no século XVI até a modernidade; assim como a história da imigração nipo-brasileira desde o seu início, atrelada ao movimento histórico brasileiro.

Para Simmel, ser estrangeiro é a "*pessoa que chegou hoje e amanhã fica*", que passa pelo processo de superação do "*ir e vir*". (SIMMEL, 1983 p. 182)

No entendimento das relações entre o estrangeiro nikkei e a cultura brasileira, utilizar-se-á a leitura cruzada entre Simmel, Heidegger e o pensamento japonês colocado por Oshima contextualizados na história do Japão e da imigração japonesa no Brasil.

Considera-se que as os descendentes japoneses no Brasil, tem no seu conteúdo ideologias do pensamento tradicional japonês, bem como aqueles próprios da modernidade ocidentais.

* Descendentes e imigrantes japoneses.

INTRODUÇÃO

“Viajar é a liberação de qualquer ponto definido no espaço...”

(Simmel, 1983)

“Assim que cheguei ao Brasil, eu andava pelas ruas e algumas pessoas me paravam e perguntavam que horas eram ou onde era a rua tal. Eu achava que todos sabiam que eu era um estrangeiro, mas as pessoas me viam como um paulistano como qualquer outro. Esses instantes foram para mim a prova de como este país incorpora a mistura de diversas culturas e de diferentes povos, formando uma só sociedade.”

Isao Kamiya

(presidente da Konica Minolta Business Solutions no Brasil)

Assumpção Filho, M.M. & Yoshida, E., 2008¹

Este trabalho tem o objetivo de aproximar-se do processo de assimilação dos imigrantes japoneses e seus descendentes na cultura brasileira.

Georg Simmel vê o entendimento da palavra assimilação na relação entre o judeu e o europeu como um processo indivisível entre as duas culturas, em que há uma relação intrínseca entre ambas.

“[...] Simmel matiza o problema de modo interessante ao falar de uma “judaização do não judeu”, indicando não só que a cultura judaica é penetrada e diluída pela cultura européia (isto é; cristã), mas também que a própria cultura européia passa a incorporar elementos da cultura judaica [...]”(WAIZBORT, 2000 p.536)

Para Simmel, ser estrangeiro é a *“pessoa que chegou hoje e amanhã fica”*, que passa pelo processo de superação do *“ir e vir”*. (SIMMEL, 1983 p. 182)

No entendimento das relações entre o estrangeiro nikkei e a cultura brasileira, utilizar-se-á a leitura cruzada entre Simmel², Heidegger³ e o

¹ ASSUMPÇÃO FILHO, M. M. & YOSHIDA, E. *Brasil-Japão, 100 anos de Paixão*, São Paulo, M.books, 2008.

² SIMMEL, G. *Sociologia* organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; tradução de Carlos Alberto Pavaneli... et. Al. São Paulo, 1983.

WAIZBORT L. *As Aventuras de Georg Simmel* – São Paulo:USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Ed. 34, 2000.

pensamento japonês colocado por Oshima⁴ contextualizados na história do Japão e da imigração japonesa no Brasil.

Ao trabalhar com filosofia, culturas e história, incorremos no risco de apresentar generalizações e julgamentos ambiciosos pela ingenuidade do olhar iniciante e eventualmente equivocado⁵ do pesquisador. Propomos, no entanto o exercício de reflexão para apreender o mundo do imigrante japonês no Brasil, na tentativa de compreender o processo de assimilação, mesmo que este traga consigo ambigüidades visíveis em primeira instância.

1. FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL JAPONESA

Segundo OSHIMA, desde os primórdios, as bases do pensamento japonês caracterizaram-se por ser a *Mentalidade Mítica*, (OSHIMA, 1991 p. 18). Esta forma de pensamento desconhecia a *contradição e a negação*, acreditava na concepção do mundo como um processo contínuo de criação espontânea, com uma visão dinâmica e vitalista, e os fenômenos culturais ou naturais eram deuses ou manifestações da divindade.

O pensamento japonês passou por um processo de modificação influenciado por várias formas, o budismo introduzido no Japão no século VI, trouxe a lógica racionalista, com uma visão prática, esta filosofia foi utilizada muito posteriormente ao seu ingresso no país.

Trata-se do grande trabalho que realizaram Shinran e Doguen no séc XIII. Os mestres Shinran e Doguen são dos poucos budistas japoneses que tentaram assimilar o budismo sem implicá-lo à tradição mítica. Ambos tentaram estabelecer um budismo fora de toda mentalidade coletiva; buscaram um budismo que se baseava na consciência do indivíduo. Para tanto, criticaram o pensamento mágico que dominava o povo e tentaram destruir os tabus que o inibiam. Shinran e Doguen coincidiram na crença de que a salvação do mundo era impossível sem a própria salvação, e que esta era a que salvaria o mundo inteiro.” (OSHIMA, 1991 p. 42)

³ HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo* Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 2ª. Ed. – Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007. 598p. (Coleção Pensamento Humano)

⁴ OSHIMA Hiroshi *O Pensamento Japonês* Tradução: Lenis G. de Almeida, Escuta, São Paulo, 1991.

⁵ “Since, however, too many write about these problems, and with a great deal of self-assurance, it will be useful to state in a negative way some of the most common pitfalls that can swallow up the overly ambitious student of comparative cultures. This negative approach, it need hardly be said, will not save me from succumbing to the weakness I have just condemned. In partial atonement for these lapses into “generalizationitis”, I encourage the reader to take my generalizations with the classical grain of salt. In other words, in the course of this chapter I will deny and try to remind the reader occasionally that the few positive judgments which I feel bound to pass are based upon good though inadequate sources. In no sense can the reader in this field of history of ideas expect statements which have a “scientific” validity, even if we interpret science in the broader and more humanistic sense.” (PIOVESANA, 1963, P. 234)

O pensamento japonês também foi influenciado pelas filosofias Taoísta e Xintoísta, além do budismo. A contribuição do Taoísmo (séc IX) foi a forma de compreensão dos fenômenos: de maneira dicotômica, e opostos, complementares a unidade; *Yin e Yang* e o *MU (vazio)* que é a origem de tudo.

"[...] O conceito do nada (mu), considerado pelo taoísta como a origem de tudo, associa-se facilmente com a carência do Criador do mundo, ou com a existência dos primeiros deuses ocultos concebidos pela mentalidade mítica[...]"(OSHIMA, 1991 p. 49)

No xintoísmo, inicialmente Buda toma uma posição central e os demais deuses secundários, e no decorrer dos séculos, as entidades adquirem o mesmo grau de importância e Buda se torna mais um deus japonês.

... diferença entre o taoísmo e o xintoísmo é que, "[...] o taoísmo é um pensamento anti-social, anti-racionalista, o que significa uma sofisticação filosófica; o xintoísmo ao contrário, é uma ideologia irracionalista baseada na mentalidade mítica, não filosófica[...]" (OSHIMA, 1991 p. 49)

Até o século XVII o Japão viveu uma mentalidade baseada no pensamento mítico e irracionalista, justapondo diferentes filosofias principalmente originárias da China e Índia e agregando esses conhecimentos às suas crenças.

A influência neoconfucionista chinesa, desde o séc. XVII como ortodoxa entre os intelectuais japoneses – elaborado por Chu-Hsi, filósofo chinês do século XII – seu sistema é uma grande síntese das diferentes correntes dos pensamento oriental, tais como o budismo, o taoísmo, e o confucionismo, estabelece uma teoria dualista, segundo a qual tudo consta de dois elementos antagônicos e complementares: Li e Ch'i. Li significa a razão e Ch'i significa o éter. Os dois equivalem mais ou menos à "forma" e à "matéria". (OSHIMA, 1991 p. 68)

2. ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS

2.1. O XOGUNATO

A compreensão da mentalidade atualmente com muitas influências ocidentais e modernas está arraigada de conceitos fundamentados desde a formação do Japão nos séculos iniciais. A discussão iniciará bem adiantada, no período em que o Japão passa pela unificação do país.

Assim como no ocidente, o Japão também passou por um período feudal; a unificação da nação é resultado da dominação dos *xoguns* (grandes generais) e dos samurais a partir de um esforço bélico de conquistas de terras entre outros xoguns que possuíam domínios sobre territórios comandados pelos senhores. (1573-1615).

A completa unificação do Japão acontece com a dominação de *Ieyasu Tokugawa*, em Edo (atual Tóquio), por isso chamada a Era Edo (1603-1867):

"[...]foi acumulando vitórias militares e conseqüentemente, terras que lhe garantiriam proventos de um milhão de koku de arroz (quantidade que alimentaria com 180 quilos de arroz per capita um milhão de pessoas por um ano)" (Sakurai, 2007 p. 109)

Naquela época, o meio de troca era a produção de arroz, paga em forma de impostos aos líderes do exército. Os camponeses, não utilizavam o arroz como alimento, pois esse era um mantimento consumido principalmente pela classe mais elevada.

Edo tornou-se a principal cidade. A sociedade era claramente estratificada, e cada faixa era distinta desde o nascimento do indivíduo. Os grupos sociais eram diferenciados por sua vestimenta, tipos de armas, cortes de cabelo e a circulação de mercadorias. O imperador era mantido em Kyoto pelo grande general, não tendo poder político.

"...Todas as interferências externas alertaram os governantes japoneses para possíveis ameaças à soberania de seus territórios. Logo veio a reação. Assim, houve um repúdio calculado das coisas estrangeiras. Desde livros, passando por artefatos e chegando, como vimos às pessoas e às religiões." (Sakurai, 2007 p. 123)

Tokugawa expulsou os portugueses, espanhóis, ingleses, holandeses, chineses e coreanos. As religiões cristãs e protestantes foram proibidas e os seus propagadores exterminados do território japonês, somente o budismo e o xintoísmo eram consideradas religiões.

"...O processo de controlar forças divergentes do projeto de unificação [...]poderia não ir adiante se alguns valores ocidentais, como o individualismo ou a idéia de obedecer a Deus acima de todas as coisas, comesçassem a sobrepujar os ideais de lealdade e obediência que eram a base de todas as relações sociais no Japão..." (Sakurai, 2007 p. 108)

Após anos de unificação, outras atividades além do cultivo agrícola e a produção artesanal foram iniciadas. Os comerciantes passaram a ter ascensão.



Mercadores Era Taishō

Fonte: Arquivo pessoal

Estes mercadores constituíram uma classe cada vez mais fortalecida e a sua conduta influenciaria o pensamento japonês,

"[...] Entre seus valores estava: ser obstinado diante dos objetivos, desconfiar de estranhos, trabalhar bastante, agir com parcimônia e acumular riqueza [...]." (Sakurai, 2007 p. 119)



No tenchō-setsu, dia do aniversário do Imperador do Japão, a colônia promovia espetáculos improvisados com cenas do Kabuki, o teatro clássico japonês.

Grupo de Teatro

Fonte: Museu do Imigrante Japonês

É nesse cenário que prospera o desenvolvimento das artes, como forma de entretenimento popular, o teatro *Kabuki*, o teatro de marionetes, a arte das gueixas, dentre outros.

Edo torna-se a maior cidade do mundo com mais de 1 milhão de habitantes, graças ao êxodo rural. As estradas desenvolveram e há um considerável adensamento das cidades.

O neoconfucionismo de Chu-Hsi não somente assegurou o regime de Shogun, mas também despertou o racionalismo nos sábios japoneses, por se tratar de um sistema muito coerente, lógico e racionalista. Como consequência da tomada de consciência deste racionalismo, os sábios começam a aplicá-lo ao estudo do homem, mais que a outro tipo de finalidade, e se produz o momento máximo em que a consciência histórico-filosófica nasce livre da mentalidade mítica. (OSHIMA, 1991 p. 68)

2.2. A VOLTA DO DOMÍNIO DOS IMPERADORES (1868-1945)

O fim da era dos samurais é marcada pela retomada do poder aos imperadores, incentivada pelos comerciantes e pela elite insatisfeita. A corrente antiga defendida pelos samurais considerava os princípios de obediência do código mais importantes do que a presença ocidental, a outra corrente, apoiava-se na origem divina dos imperadores, colocando a necessidade de assimilação ao conteúdo ocidentais trazido pelos americanos e europeus, os comerciantes vêem nos ideais de igualdade e liberdade de mercado a possibilidade de expansão de suas atividades e; a população que vivia momentos de fome e miséria também era positiva a mudança. A necessidade à abertura vista pelo governo japonês era principalmente pela defasagem tecnológica industrial e de armamentos.

Após dois séculos de isolamento com o mundo, a condição da sociedade era diferente da apresentada no xogunato, os comerciantes adquiriram forças e se misturavam às classes mais elevadas que haviam perdido status, os samurais mais elevados, também não possuíam os mesmos poderes, os guerreiros que estavam nas bases da hierarquia

também iniciaram seus negócios no comércio e adquiriram novas formas de viver.

“A partir da restauração Meiji (1868), o Japão foi marcado por um profundo conjunto de reformas internas, destinadas a sua modernização. As elites do país promovem um movimento que envolve todos os setores da vida nacional, em direção a uma coesão de finalidades. Desenvolve-se uma tendência ao cultivo do nacionalismo, do “espírito japonês”. Símbolos e mitos são evocados para distinguir o seu povo como superior, diferente dos demais. O desdobramento dessa política é a emergência de uma corrente ultranacionalista, que toma feições militaristas e expansionistas.” (SAKURAI, 1995 p. 134)

No final do século XVIII as pressões estrangeiras para a abertura do país eram fortes, pois o Japão era local estratégico no continente asiático e também um mercado com possibilidades de consumo industrializado e fornecedor de diferentes artefatos para o mercado europeu.

Após sucessivas batalhas entre o xogunato e os exércitos que apoiavam o imperador, os xoguns abriram mão do poder militar e político ao imperador *Matsuhito Meiji*.



Cidade área do Comércio

Fonte: Arquivo Familiar

Este período dos imperadores é marcado por 3 eras: Meiji (1868-1912), Taishô (1912-1926) e Showa (1926-1989), foram responsáveis pela abertura e ocidentalização do país, passaram pelas primeira e segunda guerras mundiais e, após a derrota o país passa ao regime parlamentarista.

A Era Meiji estava empenhada pelo principal objetivo de criar uma sociedade com condições e competitividade para o mercado mundial.

“As primeiras medidas nesse sentido procuraram romper a rígida estrutura social do passado. Na nova sociedade, todos passam a ser considerados cidadãos com direitos e deveres. O alargamento dos direitos de cidadania à população,

entendido como integração dos indivíduos à comunidade nacional, ou como extensão de benefícios econômicos, educacionais e políticos a todos os japoneses, foi considerado imprescindível para instauração da modernidade.” (Sakurai, 2007 p. 140)

Em 1872, foi decretada a educação compulsória, o que ocasionou revolta na classe dos produtores agrícolas, que utilizavam o trabalho dos filhos na ajuda do cultivo. Em 1889, foi promulgada a nova constituição japonesa, que tratava todos os japoneses de forma igualitária, proibindo a diferenciação das vestimentas, armas e cortes de cabelos que remetiam a classe dos samurais. (Sakurai, 2007 p. 141)

O imperador é considerado sagrado e inviolável, utilizando para isso a ideologia da linhagem imperial, o imperador é considerado um deus vivo, e todos os japoneses, são descendentes diretos do imperador.

“a xenofobia se acentuou com a propaganda da idéia da nação japonesa como uma única e grande família, que abrange todo território e se distingue das outras por usa ligação com a linhagem imperial e, conseqüentemente, com Amaterasu, a deusa do sol.” (Sakurai, 2007 p. 146)

Apesar da filosofia budista ser introduzida no século VI, é nesse momento que ela ganha maior força na ideologia do pensamento japonês.

2.3. PERÍODO DAS GUERRAS

O domínio imperial expansionista é marcado pelas principais guerras, inicialmente com os países vizinhos, China, Rússia, e posteriormente nas primeira e segunda guerra mundiais.

Com a industrialização, o Japão necessitava de matéria prima para a sua produção, para tal, inicia a busca de novos territórios com o objetivo de dar emprego para parte da população pobre das cidades, buscar novos locais de moradia devido à explosão demográfica que ocorreu no final da era Edo e finalmente busca de ferro e carvão para a indústria.

“... Ao invés de começar com a produção de bens de consumo e indústria leve, primeiro incumbiu-se das indústrias-chave pesadas. Artesanais, estaleiros, usinas siderúrgicas, construção de ferrovias tiveram prioridade e rapidamente alcançaram um elevado estágio de eficiência técnica.” (BENEDICT, 2007 p.83)

Neste período invade a Coréia e China, Manchúria.

“O tratado de Shimonoseki, assinado pelos dois países em 1895, garantiu total independência à Coréia, mas com partes de seu território cedidas ao Japão; da China, o Japão obteve posse da Manchúria (Liaoning em chinês), Taiwan (Formosa) e ilhas Pescadores. A China derrotada teve ainda de pagar uma reparação de guerra e assinar um acordo comercial que permitia aos japoneses navegar no rio Yangtze e usar portos marítimos chineses.” (Sakurai, 2007 p. 164)

Durante a primeira guerra, o Japão aliou-se à Grã-Bretanha, como representante no oriente, após a guerra, o país estava entre as grandes

potências europeias, Grã-Bretanha, França, Rússia, Áustria, Hungria e Alemanha.

O nacionalismo entre a população fica cada vez mais exacerbada, o líder do governo utiliza a ideologia mítica de descendência e chama a participação da população nas guerras.



Grupo de Combatentes Era Showa

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto

"[...] Eles evocaram o "espírito nacional" (Yamato damashi) composto de uma série de conceitos inspirados na tradição milenar do povo japonês. Propunham a ruptura com as " más influências" que o Ocidente havia levado ao Japão e a valorização da superioridade racial e cultural japonesa. Inbuído do "espírito nacional", o Japão enfrentaria uma guerra justa para salvar o mundo do marxismo e de outras ideologias ocidentais nocivas." (Sakurai, 2007 p. 174)

Na segunda guerra, o Japão tinha afinidades com o fascistas, apesar de não o serem, o interesse dos japoneses estava na matéria prima e nas fontes de energia, da China e Rússia.

Para os líderes norte americanos, o Japão representava uma ameaça, a intervenção no abastecimento do Japão foi a primeira ação para prevenir o expansionismo japonês. O conceito de 'ameaçador' vem das sucessivas conquistas que o Japão teve nos países vizinhos, de invasão e dominação dos territórios.

Com essa ideologia o imperador levou a batalha por longos anos, até a derrubada das duas bombas atômicas em agosto de 1945.

"... se o Japão continuasse lutando, o resultado sabido seria o colapso e, finalmente, a extinção da nação japonesa, e, no futuro, talvez a extinção total da civilização humana. Em suas palavras, a rendição era uma obrigação "no esforço para a prosperidade comum e felicidade de todas as nações, assim como a segurança e o bem-estar de nossos súditos" grifos nosso (Sakurai, 2007 p. 195)



Imperador Era Showa

Fonte: Wikipedia

Nesta situação, o Japão é obrigado a fazer nova constituição aos moldes americanos e o regime monárquico passa a parlamentarista.

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS E FILOSÓFICAS

3.1. NO CAMINHO DA MODERNIDADE

O pensamento moderno japonês segundo descreve Oshima, é analisado principalmente por 5 formas de compreensão filosófica que serão descritas abaixo:

I. Fukuzawa Yukichi: O Racionalismo Moderno

"Independiza-te e respeita-te a ti mesmo" (OSHIMA, 1991 p. 108)

"O tipo de racionalismo que Fukuzawa nos apresenta é produto típico do espírito moderno. Somente esse espírito moderno, pelo qual o indivíduo em estabelecida a independência de seu meio, pode conceber um racionalismo tão crítico e relativista. Nesse aspecto, Fukuzawa é um autentico moderno – o que é surpreendente numa sociedade como a japonesa, que, não somente naquela época, mas também hoje em dia, quase não permite o individualismo." (OSHIMA, 1991 p. 108)

II. O Conflito entre a Tradição e a Modernidade

Tsubouchi Shoyo – tradicionalista:

"[...]as idéias não estão presentes em nossos sentidos nem em nossa razão, mas estão ocultas misteriosamente, motivo pelo qual não podemos afirmar nem negar a sua existência." (OSHIMA, 1991 p.110)

Mori Ogai – racionalista ocidentalizado – contesta Tsubouchi quando não apresenta racionalidade, Mori tem *"[...] uma visão idealista que faz parte da tradição ocidental."* (OSHIMA, 1991 P. 111)

III. Contradição do Pensamento Japonês na Época Moderna

Uchimura Kanzo – Filósofo protestante, coloca o país no mesmo patamar que Jesus. O protestantismo é recebido no Japão como um elemento representativo da civilização ocidental não como uma religião em si. (OSHIMA, 1991 P. 116)

IV. O Irracionalismo Moderno:

Nishida Kitaro – tenta fazer uma síntese entre a tradição e a modernidade:

"Seu mundo é totalmente positivo; não há nada negativo nele. Naturalmente, a contradição entre o moderno e o tradicional não é, de nenhuma maneira, para esse pensador, uma contradição. O moderno e o tradicional podem coexistir de igual modo como o fizeram o budismo e o xintoísmo." (OSHIMA, 1991 P. 126)

V. A Apologia do Pensamento Mítico:

Kobayashi Jideo – crítico literário – "há dois elementos comuns, mutuamente ligados: um é a crítica da civilização moderna; o outro é a defesa do pensamento mítico que, em seu vocabulário, denomina espírito "selvagem" ou "primitivo". (OSHIMA, 1991 P. 130)

"[...] o homem moderno tem uma enfermidade difícil de curar chamada historicismo, que é devida a uma falsa concepção do tempo não. Ele considera que o tempo não existe senão no modo presente, e que o passado e o futuro são apenas intervenções da nossa imaginação, são irreais. O historicismo, que está baseado nessa crença num conceito irreal do tempo linear, e estendido de um ponto chamado passado até outro ponto chamado futuro, e, pois, uma ideologia irreal sobre a qual nós não podemos nos apoiar. O homem moderno, criador dessas ideologias, perde-se cada vez mais no labirinto do pensamento irreal, afastando-se do seu espírito natural." (OSHIMA, 1991 P. 132)

"[...] a sua fé no pensamento mítico não morre, porque é o pensamento único universal e permanente de toda a humanidade. A poesia e as belas-artes continuam nos mostrando a vida perpétua desse pensamento que provém da época pré-histórica." (OSHIMA, 1991 P. 135)

Dentre as várias vertentes apresentadas, percebe-se que alguns autores apresentam o idealismo como um dos pontos de reflexão da modernidade, mas a questão fundamental aparentemente defendida ou combatida é a Mentalidade Mítica apresentada por Oshima, que passa a ser uma contradição com o modo de vida racional e moderno.

No pensamento japonês, o movimento da modernidade, que acolhe vários fundamentos filosóficos e tem como base histórica a não contradição e negação, parece apoiar-se no aprimoramento individual com

objetivo de contribuir ao coletivo, o pensamento japonês não permite o individualismo.

As semelhanças apresentadas pelo pensamento japonês e o alemão possivelmente têm como fundo o pensamento idealista.

"[...]filósofos japoneses progressivamente descobriram a riqueza da Filosofia alemã em todas suas formas, eles absorveram e propagaram todos os tipos de Pensamento alemão, de suas tendências mais idealistas a mais materialista. De certo modo nenhum outro país ostentou tal variedade de tendências filosóficas como o Japão. Desenvolvendo dentro do patrimônio cultural, a história dos últimos cem anos de filosofia japonesa mostra tantas orientações diferentes que é um problema resumir algumas tendências específicas[...]"⁶ (PIOVESANA, 1963 p. 243)



Georg Simmel – filósofo alemão, nasceu em 1858, seguiu vida acadêmica, um dos responsáveis por criar a Sociologia na Alemanha. Escreveu *A Filosofia do Dinheiro*, *Introdução à Ciência da Ética*, *O Estrangeiro*, entre vários outros.

Para Simmel, o processo de modernização é marcado pela individualização, pelo anonimato, pela diferenciação, pelo nivelamento, pela indiferença na cidade grande, Simmel se distancia do fenômeno para analisá-lo.

"Ao descrever a idéia do estilo de vida moderno, como uma característica capaz de configurar a sua teoria do moderno, Simmel aponta para o lugar histórico do moderno estilo de vida: a cidade grande. O maior problema da "vida moderna" está circunscrito no conflito entre indivíduo e sociedade, entre cultura interior e cultura exterior. Trata-se de uma configuração histórica do processo civilizatório, de diferenciação social, de identidade do eu. O que para o "homem primitivo", foi a "luta com a natureza" visando à autoconservação, para o homem moderno é a tensão entre interior e exterior, individual e supra-individual" (WAIZBORT, 2000 p. 316)

A compreensão do fenômeno é um aspecto que se torna curioso aproximar; para Simmel, o singular é um fragmento do múltiplo, caminhos da constelação.

"[...] não interessam tanto as conclusões a que um ensaio poderia levar ou que ele poderia trazer, mas sim o processo, o desenrolar do pensamento, o espírito que trabalha, em movimento, aventureiro. O movimento é a categoria básica do ensaio. [...] Movimento, subjetividade e experiência compõem a constelação do ensaio" (WAIZBORT, 2000 p. 35)

⁶ "[...]as Japanese philosophers progressively discovered the wealth of German Philosophy in all its forms they imbibed and propagated all types of German Thought, from its most idealistic trends to the most materialistic ones. In a sense there is no other country which can boast of such a variety of philosophical trends as Japan. Developing within the common cultural heritage of the past, the history of the last hundred years of Japanese philosophy shows so many different orientations that is a real problem to summarize some specific trends[...]"



Bruno Taut – arquiteto alemão (1880-1938), famoso como expressionista modernista, ficou conhecido pelas obras em habitação social, especulações em arquitetura utópica e planejamento urbano com olhar para cidade jardim.⁷

A **Cidade-Jardim Falkenberg** (1913-1914), tombada como patrimônio histórico e em processo de restauração, foi projetada pelo arquiteto Bruno Taut com uma concepção de cores extraordinariamente inovadora. Neste projeto, Taut resgatou a idéia britânica das cidades-jardins e a traduziu com grande sensibilidade, destacando-se como precursor de reformas emancipatórias na arquitetura.⁷



"**Hufeisensiedlung**", cidade jardim construído em 1925, in Berlin⁷.

"[...] Nosso desejo exclusivo é fazer tudo tão prático quanto possível, e como esses outros têm já prosperamente terminado, fazer beleza dependente em valor prático." (TAUT, 1930 p. 3)⁸

"[...] Naquele momento eles tinham intenção em reviver algo, o qual do ponto de vista de significação tinha deixado de existir muito tempo, e eles acreditaram que o meio para este fim seria atingido pelo estudo da decoração graciosa, japonesa[...]" (TAUT, 1930 p. 49)⁹

Martin Heidegger (1889-1976), filósofo alemão, nazista, escreveu "Ser e Tempo":

"A analítica existencial de Ser e Tempo (1927). Em Ser e Tempo a facticidade da vida é tematizada como objeto de estudo da ontologia fundamental. O que no período inicial de Freiburg era puro jato, acabou posto no leito de uma disciplina filosoficamente bem comportada. O ser do homem, o Daisen, tem a estrutura ontológica de um ser-no-mundo, cujos elementos fundamentais são três: identidade pessoal, mundo e habitar o mundo. Os modos mais primitivos de habitar o mundo são a ocupação com as coisas e a solicitude para com os outros. A tematização científica e a conseqüente objetivação das estruturas do Daisen são modos derivados de ser-no-mundo, podendo, por isso mesmo, ser modificados pelo Daisen individual em posse do seu poder-ser originário [...]"(LOPARIC, 2004 p. 48)

Os discípulos de Doguen viajam para a Alemanha em busca de conhecimento após a abertura do Japão no século XIX. Assim como o budismo percebe o homem em um mundo, Heidegger também o faz, considerando que o *dasein* parte do "ser" individual enxergando o mundo e suas relações externas. A referência está no indivíduo, ou o fenômeno esteja no ente, no ser.

" [...] Tanabe Hajime foi o primeiro filósofo a assinalar, numa resenha destinada aos leitores japoneses e publicada em 1924, o surgimento do

⁷ <http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,1264702,00.html>

⁸ "Our sole desire is to make everything as practical as possible, and as those others have already successfully done, to make beauty dependent on practical value." (TAUT, 1930 p. 3)

⁹ "[...]At that time they were intent on reviving something, which from the point of view of significance had long ceased to exist, and they believed that a means to this end would be attained by the study of the graceful, Japanese decoration[...]"(TAUT, 1930 p. 49)

fenômeno Heidegger. Conde Kuki, pensador da estética, Keiji Nishitani, um dos pioneiros da filosofia japonesa da religião, Tsujimura Kōichi, tradutor e intérprete de Heidegger, e Ueda Yasuharu, leitor Heideggeriano e zen budista do Meister Eckhart, merecem ser destacados.” (LOPARIC, 2004 p. 64)

Outro conceito que também parece cooptar com a filosofia de Doguen e Heidegger é a Finitude, Heidegger coloca que o ser (ente) quando nasce já está velho suficiente para a morte. No Budismo, a impermanência é o ponto de articulação, todos e tudo estão destinados a impermanência, tudo inclusive nós somos finitos, impermanentes.

“O Daisen se descobre como pode ser. Mas sendo essa possibilidade sempre minha, ela seria a todo instante recuperável, a existência se prolongando indefinidamente. Mas desde o princípio o Daisen está predeterminado pelo seu fim. Basta o homem viver, que já é bastante velho para morrer, reza antigo provérbio alemão. Então a morte é esse fim “como possibilidade da impossibilidade”. Estamos diante do não-ser como existência da existência. Eis em que consiste a ser-para-a-morte. “O Daisen não tem um fim onde chega e simplesmente cessa, mas existe finitamente”” (NUNES, 2002 p. 22)

A compreensão da própria existência é entendida pela maioria dos japoneses como impermanente, baseado no Zen-budismo, que influencia todos os aspectos da organização da vida e de certa forma do espaço. No conceito da impermanência, a vida é entendida como uma passagem, nada é permanente, todos morreremos, as mais duráveis das coisas se desmoronarão um dia, por esse motivo, só temos a oportunidade de trabalhar em nossas intenções enquanto estamos nesta existência, e a transmissão dos conhecimentos de como fazer e por que fazer são feitos de gerações a gerações através do construir coletivo.

“O ensinamento básico do budismo é a impermanência ou a mudança. Para cada existência, a verdade básica é que tudo muda. Ninguém pode negar essa verdade e todo o ensinamento do budismo está condensado nela. Este ensinamento é para todos. Seja onde for, este ensinamento é verdadeiro. Ele é entendido como o ensinamento da inexistência de uma entidade individual. Por estar cada existência em constante mudança, não existe um eu individual. De fato, a natureza essencial de cada experiência nada é senão a própria mudança. Ela é a própria natureza de toda existência. Não existe uma natureza especial ou entidade individual permanente para cada existência [...]” (SUZUKI, 1995 p. 98)

E para o Budismo, filosofia que tem origem no ser individual, acredita na consciência do indivíduo, e na transformação do mundo através da meditação solitária – melhorando a si mesmo modificará o seu entorno e conseqüentemente o mundo. As correntes aqui tratadas partem do singular para compreender o múltiplo. Daqui podemos demonstrar 3 correntes filosóficas que apresentam certas aproximações, mesmo cada uma delas com uma visão de mundo.

O mestre Dogen disse: “Ensinar que não parece forçar alguma coisa em você, não é verdadeiro ensinamento”. O ensinamento em si próprio é verdadeiro e em si mesmo nada força em nós; é por causa de nossa tendência humana que recebemos o ensinamento como se alguma coisa nos estivesse sendo imposta. Mas, quer nos sintamos bem ou mal a respeito disso, essa verdade existe. Se nada existisse, essa verdade não existiria. (SUZUKI, 1995 p.99)

Heidegger entende o “ser” como o ente envolvido em outros fenômenos.

Para Heidegger, o nivelamento é visto como ser-ninguém, pela superficialidade, pelo afastamento, o desencargo do ser; o distanciamento aqui é feito pelo próprio ente.

[...] O impessoal sempre “foi” quem... e, no entanto, pode-se dizer que não foi “ninguém”. Na cotidianidade da presença, a maioria das coisas é feita por alguém de quem se deve dizer que não é ninguém. (HEIDEGGER, 2007 p. 184)

Parece-nos que o pensamento oriental moderno assimila e absorve os modos de pensar ocidentais da modernidade, ao mesmo tempo em que adequam os pensamentos tradicionais orientais, mesmo que estes em primeira instância pareçam ambíguos ao observador que analisa as teorias correntes no decorrer da história.

3. A QUESTÃO DA IMIGRAÇÃO NA CULTURA JAPONESA

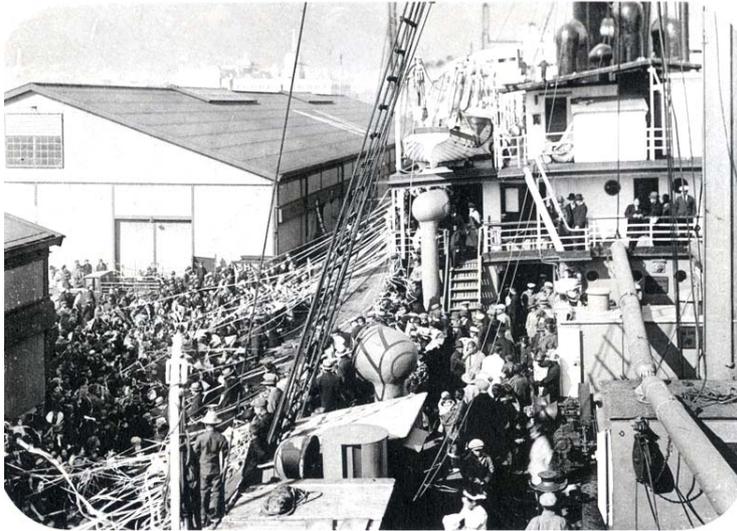
As emigrações da população japonesa começaram no final da era Meiji, quando alguns japoneses foram para o Havai.

A economia no Japão no final do século 19 sofria oscilações. A população camponesa agora autônoma, estava livre e tinha que pagar impostos ao governo.

A busca pela modernização levou os mais abastados a estudar na Europa e Estados Unidos.

O governo investia em novas conquistas, que proporcionavam emprego na indústria de armamentos, e exigia soldados e população para a ocupação dos novos territórios, da Coréia, de Taiwan, da Manchúria e da China.

A emigração também é uma solução para diminuir os conflitos sociais internos e a alta densidade nas cidades.



Navio saindo do Japão - Porto de Kobe

Fonte: Museu do Imigrante Japonês

O primeiro movimento emigratório ocorreu no início da Era Meiji (1884) para os Estados Unidos, (Havaí e Califórnia), eram geralmente homens que iam trabalhar na cultura da cana-de-açúcar e café.

Em 1907, a imigração de japoneses foi interrompida devido ao conceito de que o Japão representava um perigo à nação "o perigo amarelo", pois estavam habituados a conquistar novas terras e transformá-las em territórios japoneses como foram as experiências da China, Taiwan e Rússia. Ficam permitidas apenas a entrada de mulheres prometidas aos imigrantes japoneses, e finalmente em 1924 a América do Norte proíbe definitivamente a imigração. (SAKURAI, 2007 p. 238)

A imigração para a América Latina inicia em 1899 no Peru, como mão-de-obra para a cultura de cana-de-açúcar e algodão e em 1908 no Brasil nas plantações de café, a imigração para os outros países é irrisória, mas existem descendentes na Argentina, Bolívia e Paraguai. (SAKURAI, 2007 p. 243)

4.1. A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL



Viagem para o Brasil

Fonte: Museu do Imigrante Japonês

Para o Brasil, foram encaminhadas famílias inteiras, a viagem era subsidiada a princípio (1908) pelos fazendeiros de café e posteriormente pelo próprio governo japonês (1924). (SAKURAI, 2007 p. 245)

O interesse por parte do governo japonês era diminuir os protestos populares pela alta densidade nas cidades e dar 'melhores oportunidades' aos muito pobres, já o governo brasileiro queria ampliar as exportações de café para o oriente além de buscar mão-de-obra para as fazendas.

Com exceção do período durante a segunda guerra mundial, de 1908 a 1970, foram enviados aproximadamente 250 mil pessoas. (SAKURAI, 2007 p. 244)



Trabalho na Fazenda de Café

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Rbeirão Preto

No início, a imigração foi marcada por um trabalho escravo, mas que tinha uma infra-estrutura básica apesar de ser de péssimas condições. Os imigrantes foram para fazendas do interior de São Paulo, os grandes produtores de café naquele momento eram: Fazenda Dumont, Fazenda Canaã, Fazenda São Martinho, Fazenda Guataparã, dentre outras. Nestes locais, os imigrantes recebiam uma casa, de 'chão batido', fogão à lenha e algumas camas de madeira sem colchões. Tiveram que se adaptar fazendo bancos de madeira, colchões de palha de milho forrados com sacos de algodão, cabos de enxadas e a alimentação que era o feijão e arroz cozido com tocinho. (HANDA 1987 p. 80)

As salas não eram utilizadas como tal, e sim como um ambiente de depósito de ferramentas, o quarto era o local de receber visitas, geralmente sobre uma esteira que ficava estendida na cama, sentavam-se à maneira japonesa, tomavam café ou pinga. O furô (banheira estilo japonês) era simulado em grandes latas de querosene sobre um fogareiro que mantinha a temperatura, dentro da tina, improvisavam um pedaço de madeira para colocar os pés. (HANDA 1987 p. 1288)



Derrubada da Mata década 1930

Fonte: Museu do Imigrante Japonês

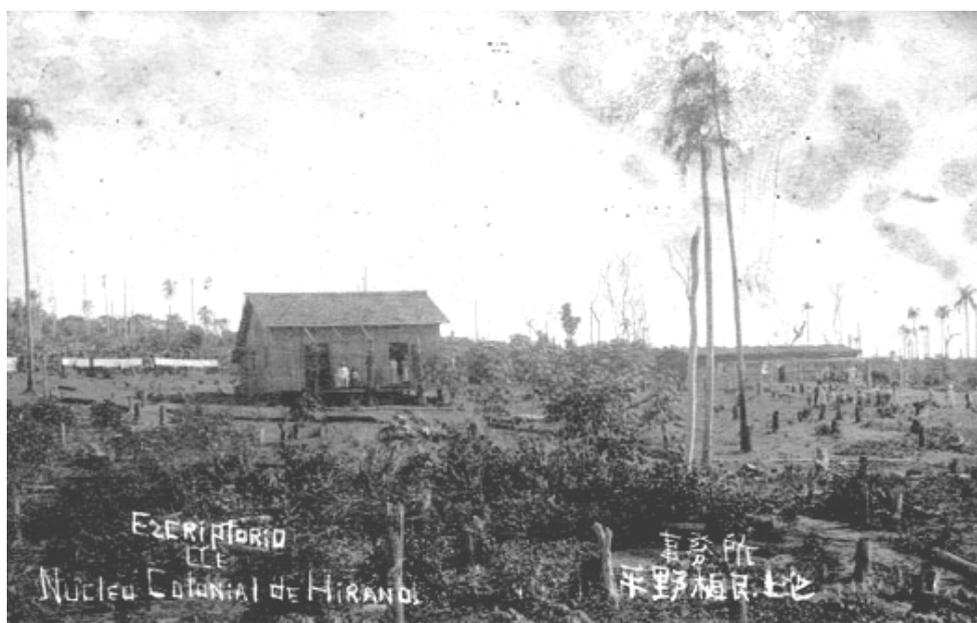
Um segundo período é marcado pelo desbravamento de terras no interior do estado de São Paulo, Norte do Paraná, Minas Gerais e Mato Grosso. O período de 1925 a 1942 foi o de maior fluxo imigratório, além do café, os imigrantes trabalhavam na cultura de café, arroz, batata, banana, seda, chá, hortaliças; vários deles tinham pequenas propriedades ou migravam para as cidades, trabalhavam com comércio ou entravam como aprendizes em outros tipos de ofício. (SAKURAI, 2007 p. 247)

Durante a segunda guerra, os japoneses foram mantidos sob vigília, pois eram vistos como opositores e possíveis espiões. Apesar das discriminações que sofreram neste período, o Brasil foi um dos países que menos diferenciou os descendentes e imigrantes, os Estados Unidos e

Canadá criaram campos de internato, e o Peru mandou os nikkeis (descendentes) para os Estados Unidos.

O terceiro período de imigração que acontece após a segunda guerra mundial, tem característica diferenciada, os novos imigrantes eram jovens geralmente estudados que vinham para o Brasil com o objetivo de trabalhar e constituir vida neste país, não pensando em retornar ao país de origem. A colônia de Mumbuca em Guatapará é exemplo desta etapa de imigração, foi criada na década de 60 com imigrantes que vinham para trabalhar no campo. O governo japonês adquiriu terras e enviou trabalhadores para esses locais, aqui foram criadas cooperativas que ajudaram no crescimento e trabalho dos agricultores, como é o exemplo da Cooperativa Agrícola de Cotia. (SAKURAI, 2007 p. 250)

Uma nova estória está se construindo desde a década de 1980 quando os nikkeis brasileiros agora voltam para o Japão para trabalhar. Na legislação nipônica, os descendentes têm a possibilidade de trabalho livre, esta abertura é justificada porque de alguma forma, os descendentes mesmo não sendo mais japoneses, guardam em sua essência a 'linhagem' japonesa, de respeito, hierarquia, honra e gratidão. Estes imigrantes que voltam para o Japão assumem trabalhos conhecidos como 3Ks (*kitanai* – trabalho sujo, *kirai* – trabalhos que os japoneses não gostam e *kouai* – trabalhos perigosos) (SAKURAI, 2007 p. 259)



Colônia Hirano

Fonte: Museu do Imigrante Japonês

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Grupo de Alunos em Escola Japonesa

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto

Até meados de 1940 existiam escolas nas comunidades japonesas destinadas a ensinar a língua e os princípios da cultura japonesa aos descendentes, estas escolas ficaram posteriormente em situação clandestinas e escondidas nos períodos entre guerras.

A assimilação dos descendentes é observada no decorrer das gerações; os pais preocupados com o futuro dos filhos optam por colocá-los em escolas ocidentais, essas famílias que têm essa conduta são discriminadas pela colônia japonesa, mas para que ocorra a emancipação, é inevitável a inserção dos descendentes nos meios sociais.

... Apesar de nem sempre serem favoráveis, os pais vêem seus filhos crescerem e passarem a viver e a pensar mais como brasileiros do que como japoneses. Diante da dificuldade de acumulação para um retorno rápido ao Japão, os pais da primeira geração matriculam seus filhos em escolas brasileiras... (SAKURAI, 1995 p. 143)

A primeira grande manifestação dos nikkeis foi em 1936, quando um descendente publica no Jornal Nippak¹⁰ em português:

"Respeitamos o 'país do crisântemo' [Japão], mas não podemos amá-lo."

Este episódio mostra o envolvimento dos nisseis com a cultura brasileira, em um processo de análise objetiva, como coloca Simmel, pelo caráter de mobilidade, estes descendentes, hora envolvidos, hora indiferentes, fazem parte do mesmo grupo, e possuem uma ligação

¹⁰ Jornal impresso no Brasil por descendentes e imigrantes japoneses.

cultural com ambos, sendo indivisíveis, podem através da mobilidade entre proximidade e distância avaliar as ideologias colocadas pelos seus ancestrais, e assim tentam compreender esse processo. Nesta análise, buscam a sua liberdade.

Os isseis, imigrantes da primeira geração, acreditavam que inculcando o sentimento japonês, de honra, hierarquia, devoção, e amor ao país, estariam passando a verdadeira educação aos seus descendentes.

Os descendentes colocavam aqui, a ambigüidade entre os pensamentos japoneses e brasileiros e conseqüentemente as dificuldades em ingressar socialmente:

"Às vezes, as boas maneiras e a educação nos transformavam em ingênuos sinceros, honestos e intransigentes. E assim, os desencontros nos modos de pensar brasileiros e japoneses deixavam os descendentes conhecedores da cultura japonesa em conflito" (HANDA, 1987 p. 625)

Handa em seu livro sugere que a educação ou cultura a ser propagada pelos pais isseis está em ser um 'brasileiro íntegro', que significa: saber falar português, conhecer bem o Brasil e amar o Brasil como a sua pátria, além de guardar em si a noção de honestidade, perseverança e bondade.

Estes ideais aparentemente aceitáveis a qualquer cultura, guarda em si algumas ideologias:

Quando este autor coloca "saber falar português", considera-se que ele reproduz as condutas que assimilou, pois o importante para os descendentes era aprender o japonês, que trazia no conteúdo da língua as ideologias do pensamento japonês, agora transmutado para a língua portuguesa.

"Amar o Brasil", da mesma forma, está inculcada a ideologia dos imperadores, em que o continente japonês era uma criação divina e os representantes eram os imperadores, que tratavam a nação como uma grande família, portanto amar o país é uma obrigação que se leva desde o momento que se nasce.

"Honestidade, perseverança e bondade', traz os fundamentos do código dos samurais que lutavam até o último homem e só acabavam a guerra quando vencessem.

No final da Segunda Guerra Mundial, a colônia japonesa como um todo necessita buscar, em suma, sua identidade de grupo. São necessários esforços para apagar a imagem e etnia não-assimilável perante os brasileiros e para resgatar a identidade da colônia, abalada por conflitos internos e geracionais. A década de 50 é um marco na busca de novos caminhos pelos imigrantes e seus descendentes. (SAKURAI, 1995 p. 146)

Dentro destes conceitos, a partir do pensamento de Heidegger, a convivência cotidiana traz o nivelamento, a superficialidade, a impessoalidade, e ser descendente de japoneses no Brasil, especialmente nos estados do Paraná e São Paulo é a condição que se encontram as pessoas de 'olhos puxados' integrados a sociedade e passando quase que

indiferenciados no cotidiano. Ser-no-mundo é a condição dos nipo-brasileiros, integrados a este espaço.

Já para Simmel, os japoneses estão em um processo de emancipação constante, são indivisíveis entre brasileiros e japoneses, pois possuem uma profunda ligação cultural e fazem parte do mesmo grupo, todos têm caráter de mobilidade, pois analisam o fenômeno com objetividade, podendo tanto se envolver ou manter indiferença, como colocaria aproximando-se e distanciando do singular, e através dele absorver o conteúdo do múltiplo que é a constelação.

“A objetividade do estrangeiro é a outra expressão desta constelação. O estrangeiro não está submetido a componentes nem a tendências peculiares do grupo e, em consequência disso, aproxima-se com a atitude específica de “objetividade”. Mas objetividade não envolve simplesmente passividade e afastamento; é uma estrutura particular composta de distância e proximidade, indiferença e envolvimento... sobre as posições dominantes da pessoa que é um estrangeiro no grupo...” (SIMMEL, 1983 p. 184)

6. Bibliografia

- BENEDICT Ruth **O Crisântemo e a Espada: padrões da cultura japonesa** Tradução: César Tozzi, Perspectiva, São Paulo, 2007.
- HANDA, T. **Memórias de um imigrante japonês no Brasil**, tradução: Antônio Nojiri, T. A. Queiroz, São Paulo, 1987.
- HEIDEGGER Martin **Ser e Tempo** Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 2ª. Ed. – Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007. 598p. (Coleção Pensamento Humano)
- LOPARIC, Z. **Heidegger**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.
- NUNES, B. **Heidegger & Ser e Tempo**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.
- OSHIMA Hiroshi **O Pensamento Japonês** Tradução: Lenis G. de Almeida, Escuta, São Paulo, 1991.
- PIOVESANA, Gino K. S.J. **Recent Japanese Philosophical Thought 1862 – 1962 A Survey**, Enderle Bookstore, 1963.
- SAKURAI Célia **Os Japoneses** Ed. Contexto, São Paulo, 2007.
- SAKURAI, C. **A Fase Romântica da Política: Os Primeiros Deputados Nikkeis no Brasil** IN FAUSTO, B et al. Imigração e Política em São Paulo São Paulo, Editora Sumaré, Fapesp, 1995.
- SIMMEL, Georg **Sociologia** organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; tradução de Carlos Alberto Pavanelli... et. Al. São Paulo, 1983.
- SUZUKI, S. **Mente Zen**, Mente de Principiante tradução: Odete Lara, São Paulo, Palas Athena, 1994.
- TAUT, Bruno **Modern Architecture** Librairie Joseph Gibert 26, Boulevard St-Michel, 30 Centre du Quartier Latin, 1930.
- WAIZBORT Leopoldo **As Aventuras de Georg Simmel** – São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Ed. 34, 2000.